

CARAMBAIA

Upamanyu Chatterjee

Inglês, August
Uma história indiana

ilimitada

Tradução
JOSÉ GERALDO COUTO

Posfácio
AKHIL SHARMA

7 Inglês, August: Uma história indiana

• • •

339 Glossário

343 Posfácio, por Akhil Sharma

Aos meus pais

Através do para-brisa eles contemplavam a estrada larga e silenciosa, tão bem iluminada e tão morta. Nova Delhi, uma da madrugada, um cão vadio atravessou a via, farejando alguma presa. “Então, quando vamos nos encontrar de novo?”, perguntou Dhrubo pela oitava vez em uma hora. Não que a despedida fosse angustiante demais e ele tivesse dificuldade em sair do carro, mas era a maconha que causava uma letargia intensa.

“Ahn...”, disse Agastya, e fez uma pausa, pelo mesmo motivo. Dhrubo levou aos lábios o 43º cigarro do dia e demorou o que pareceu uma eternidade para encontrar a caixa de fósforos. Suas débeis tentativas de acender o fósforo foram se tornando frenéticas até obter sucesso. Ao observá-lo, Agastya ria em silêncio.

Dhrubo soltou a fumaça com força para fora da janela e disse: “Tenho a sensação, August, de que você vai se foder *hazaar*¹ em Madna”. Agastya acabara de entrar no Serviço Administrativo Indiano e passaria por um ano de treinamento em administração distrital numa pequena cidade chamada Madna.

“Que mistura incrível, esse inglês que a gente fala. Se foder *hazaar*. Urdu e inglês americano.” Agastya riu: “Se foder mil vezes, se foder de verdade. Tenho certeza de que não existe outro lugar onde as línguas se misturam e são faladas com tanta naturalidade”. Os sons pastosos da fadiga confortável causada pela droga. “Você, pelo jeito, está fodido *hazaar*, caro

1 “Mil”, mas geralmente usado no sentido de “muito”, “uma porção”, “um monte”. [NOTA DO AUTOR]

Marmaduke.’ Sim, Dorothea, estou mesmo me sentindo *hazaar* fodido.’ Está vendo só? Não funciona. E nossos sotaques são indianos, mas preferimos August a Agastya. Quando digo ‘nossos sotaques’ excluo o seu, claro, que é único por causa da mestiçagem doida. Você até fala ‘Tenham um lindo dia’ para aquelas mulheres fogosas ao telefone quando passa por elas com sua pastinha, e quando concorda com seu horrendo chefe, o que acontece o tempo todo, você diz ‘tá, firmeza’ e ‘ahn-hã!’”

“Pare de falar merda”, disse Dhrubo, acrescentando em bengali: “Até parece que feriram sua língua materna”, e começou a rir, numa explosão de hilaridade. Era uma velha piada dos tempos de colegial em Darjeeling, quando invejavam alguns dos rapazes anglo-indianos que falavam e se comportavam de modo diferente, e que se saíam perigosamente mal nas provas e pareciam não se importar, afinal eram eles que estavam sempre com as garotas tibetanas e se gabavam de saber tudo a respeito de sexo. Numa tarde de início de verão, no campinho de futebol entre os morros, com um céu imaculado e o branco e marrom feito bolo do monte Kanchenjunga, Agastya e Prashant tinham assistido (Agastya não gostava de futebol e Prashant não gostava de jogos) ao habitual exibicionismo dos futebolistas. No ar, gritos dos anglos (que se intensificavam sempre que algum grupo feminino tibetano passava pelo campo), ecoando como uma lembrança distante: “Passa a bola, caras!”, “Pra cá, caras!”, “Por que você não chuta, seu pé é feito de bosta, caras?” (Agastya nunca ouvira um anglo dizer “cara”, no singular). Ele e Prashant encravavam com um pouco de cinismo aqueles que gritavam mais e cujo rosto se contorcia de secreto pânico nos raros momentos em que a bola de fato chegava até eles. Foi então que umas garotas tibetanas vieram com uma porra de um violão. “As tibs e os anglos sempre têm um violão”, dissera Prashant. O jogo de futebol havia terminado. Risos, frases anasaladas. “Olha a cor das coxas das tibs e dos anglos”, Prashant dissera, “não é como a nossa”. Agastya tinha então desabafado sua inveja: quem dera ser anglo-indiano, quem dera seu nome fosse Keith ou Alan, quem dera falar inglês com a pronúncia deles. Daquele dia em diante seus amigos passaram a dar novos nomes para ele, que se tornou o “último inglês” da escola. Chamavam-no dizendo simplesmente

“ei, Inglês” (seus amigos queriam dizer “ei, Anglo”, mas não ousavam), e às vezes até “olá, Língua Materna” – escolhas ilógicas e arbitrárias, mas irresistíveis, como a maioria dos nomes escolhidos por contemporâneos. Como a maioria dos apelidos, desbotaram com a passagem do tempo e as mudanças de lugar, todos menos August, mas ainda conservavam a faculdade de saltar de novo das profundezas em ocasiões inesperadas, trazendo junto um ou dois nacos de seu passado.

Um caminhão passou por eles, estilhaçando a escuridão. “Lá em Madna algumas pessoas vão perguntar o que você está fazendo no Serviço Administrativo. Porque você não se encaixa no papel. Parece mais um ator de filme pornô, magro e pervertido, do tipo que veste sutiã. E um burocrata deve ser cordial, sempre de barba bem-feita, de óculos e, se for um brâmane tâmil, inclinado a citar de bate-pronto as regras. Você vai estar fodido *hazaar*, é o que eu acho.”

“Eu bem que preferiria atuar num filme pornô a ser um burocrata. Mas a gente tem que sobreviver, suponho.”

“Vamos fumar o último, tá?”, disse Dhrubo, apanhando no assento do carro o saquinho de polietileno. “Em Yale, ser um ph.D. não era piada. Significava alguma coisa. Os estudantes pensavam muito antes de se matricular. Mas aqui em Delhi, em toda a Índia”, Dhrubo jogou um resto de fumo pela janela, “a educação consiste em passar o tempo, é um acúmulo sem sentido de títulos, BA, MA e por fim M. Phil.², enquanto o sujeito se junta aos milhões que tentam a sorte nos concursos públicos. Todos os anos tanta gente parece achar tão interessante o serviço público”, e fez uma pausa para coçar o cotovelo. “Eu me pergunto para onde tantas pessoas pensam que sua instrução vai levá-las.”

“Mesmo assim você voltou de Yale”, disse Agastya, bocejando.

“Mas a minha não é a típica história indiana, que termina com o indiano morando em algum lugar do Primeiro Mundo,

2 BA: Bachelor of Arts; MA: Master of Arts; M. Phil.: Master of Philosophy. Correspondem, *grosso modo*, aos graus de bacharelado, mestrado e doutorado nas universidades brasileiras. [NOTA DO TRADUTOR]

confortavelmente ou não. Ou talvez voltando para entrar no Serviço Administrativo Indiano, se tiver sorte.”

“Mas você está errado quanto à instrução. A maioria deve ser como eu, sem aptidão especial para nada. Não se pergunta como lidar com isso, nem chega a pensar de verdade. O negócio é tentar a sorte com qualquer coisa que aparecer, porque alguma coisa acaba rolando. Não existem oportunidades ilimitadas no mundo.”

Fumaram. Dhrubo se inclinou para a frente para espanar restos de fumo da camisa. “Madna foi o lugar mais quente da Índia no ano passado, não foi? Vai ser um outro mundo, completamente diferente. Deve ser bem instrutivo.” Dhrubo passou o baseado para Agastya. “Este fumo é excelente. Como é que você vai fazer pra conseguir sexo e maconha em Madna?”

2

Pelo trem mais rápido, Madna ficava a dezoito horas de Delhi, mas claro que o trem mais rápido se arrastava rangendo pelo caminho. Quando o trem com destino a Madna deu a partida em Nova Delhi, Agastya acenou um adeus a seu tio e em seguida se trancou no banheiro para fumar mais um pouco de maconha. Em seu compartimento ia também outro viajante para Madna, um engenheiro de alguma usina termoeletrica. Iniciou-se uma conversa aleatória, e logo Agastya foi solicitado a se definir.

“Agastya? Que espécie de nome é Agastya?”, perguntou o engenheiro, em tom quase de irritação. Era um homem grande e desagradável, proprietário de um baú que não se encaixava no bagageiro sob o beliche, mas no qual ele não permitia que ninguém pusesse os pés.

“É um santo da floresta no *Ramayana*, muito ascético. Ele dá a Ram um arco e flecha. Está no *Mahabharata* também. Atravessa os montes Vindias e os impede de crescer.”

O engenheiro fez cara de insatisfeito, quase de desconfiado, como se Agastya tivesse acabado de lhe vender um afrodisíaco. Interrompeu Agastya de novo, quase na mesma hora, esganiçando sua surpresa. “Desculpe, mas IAS³? Você é do IAS? Não parece funcionário do IAS.” Examinou-o com desconfiança. “Você nem sequer parece bengali”, disse, pronunciando “bangaali”.

3 Indian Administrative Service (Serviço Administrativo Indiano), um dos três braços dos serviços públicos da Índia, junto com o Serviço de Polícia Indiano e o Serviço Florestal Indiano. [N. T.]

Agastya era só metade bengali. Sua mãe era uma católica de Goa. Mal se lembrava dela, que tinha morrido de meningite quando ele não tinha nem 3 anos. Ele era magro e atlético e usava barba. Não tinha nenhum interesse que o cativasse, e até chegar a Madna sua ambição era muito pequena.

Do lado de fora, o campo indiano passava depressa. Centenas de quilômetros de uma paisagem familiar e no entanto desconhecida, vista incontáveis vezes pelas janelas dos trens, mas nunca vivenciada: até então sua vida tinha sido profundamente urbana. Estações miseráveis de cidadezinhas onde o trem não parava, cidades que pareciam simpáticas pela janela de um trem, olhos pacientes e nada curiosos e bicicletas castigadas pelas intempéries e paradas num cruzamento, crianças e búfalos enlameados num charco. Para ele, aqueles lugares tinham sido, quando muito, nomes impressos nos jornais, onde ocorriam inundações e guerras de castas, onde famílias *harijan*⁴ inteiras eram chacinadas, aonde um ou outro primeiro-ministro chegava de helicóptero logo após alguma calamidade, ou pouco antes das eleições. Agora ele contemplava aquele mundo remoto e se sentia um pouco inseguro, passaria meses num ponto qualquer daquele interior.

O trem estava quatro horas atrasado, e já havia escurecido quando chegaram a Madna. Uma pequena estação iluminada com lâmpadas fluorescentes, cães vadios, alguns carregadores, um homem vendendo torradas e chá, uma família de mendigos junto às torneiras, discutindo numa língua estranha. Um homem moreno e suarento o abordou e murmurou alguma coisa. Ele sorriu e disse em híndi: “Fale em híndi, por favor. Vou levar algum tempo para aprender a língua”.

O homem sorriu, constrangido, e perguntou num híndi com bastante sotaque: “É o sr. Sen, do IAS?”. Em Madna, IAS estava destinado a ficar sempre grudado ao seu nome; tornou-se quase seu sobrenome.

No jipe ele se deu conta de como estava abafado. “Onde vou me alojar?”, perguntou.

4 Nome dado por Mahatma Gandhi aos intocáveis e que significa “filho de Deus”. [N. A.]

“Na Casa de Pouso do governo, senhor”, disse do banco de trás o homem moreno. Era um *naib tehsildar*⁵, segundo tinha dito. Seja lá o que for isso, pensara Agastya. “Acomodação para funcionários do governo é um problema em Madna, senhor”, disse o homem. Ao longo de um ano Agastya mudaria várias vezes de um quarto numa Casa de Pouso (era chamado de suíte, por algum motivo, e pronunciava-se *suít*) para outro quarto em alguma outra Casa de Pouso – como uma espécie de sem-teto em abrigos temporários.

Flashes de Madna *en route*: cigarros e *paan*⁶ de *dhabas*⁷, barracas de comidas duvidosas, tanto uns como outras iluminados por lâmpadas de querosene, na via gado e riquixás estrepitosos e o som caudaloso de caminhões chapinhando no esgoto que transbordava de um bueiro; parecia estar vivendo a vida de outra pessoa.

Seu aprendizado começou logo na primeira noite. O quarto na Casa de Pouso era grande, e mobiliado não como quarto, mas como toda uma casa. Tinha uma cama, uma penteadeira, uma mesa de refeição com quatro cadeiras, um sofá, duas poltronas, uma escrivaninha e uma cadeira, duas mesinhas e uma linda estante de livros. O quarto parecia o depósito de um comerciante de móveis roubados. “Para que toda essa mobília? Não preciso disso tudo.”

“Senhor?” Junto com o *naib tehsildar* estava um homem taciturno de barba grisalha rente, o zelador-cozinheiro da Casa de Pouso. Falava híndi com grande relutância. Havia crianças na porta, de tamanhos variados; todas pareciam respirar pela boca.

“O que um sofá está fazendo aqui?”

“É para visitas, senhor.”

“Não, leve-o embora. Tem coisas demais aqui, não preciso de tudo isso. Pode retirar algumas?”

“Retirar algumas?”

5 Funcionário subalterno do Departamento da Receita no distrito, subordinado ao *tehsildar*, ou seja, o funcionário da Receita encarregado de uma unidade administrativa de um distrito. [N. A.]

6 Folha de bétel recheada com uma variedade de nozes, frutas secas etc. [N. A.]

7 Lanchonete de beira de estrada. [N. A.]

Acabaram tirando, com a fisionomia e os antebraços tensos de constrangimento. Chamaram outros para ajudar. Arrastaram a cama para baixo do ventilador. Agastya suave, orientava-os em híndi e era picado por mosquitos. “Não tem um inseticida que a gente possa usar?”

Vasant, o zelador-cozinheiro, encarou-o com olhar homicida por cima do encosto do sofá.

“Sim, mosquitos horríveis aqui”, disse sorrindo o *naib tehsildar*. Borrifaram Flit no quarto.

Vasant trouxe o jantar quase em seguida, numa bandeja. O *naib tehsildar* ficou parado junto à porta, sempre deixando à mostra alguma coisa de si para Agastya, um ombro, um sapato, uma perna, e cada parte do seu corpo parecia dizer: Olhe, eu espero que você continue a se sentir desconfortável e deslocado. O jantar era inacreditável, o *dal*⁸ tinha gosto de xampu morno endurecido. Com o cheiro penetrante do Flit nas narinas, ele se alarmou com a ideia dos meses a fio em que cada refeição teria aquele gosto. “É sempre assim que você cozinha?”, comunicou enfim a pergunta a Vasant por intermédio do *naib tehsildar*. Vasant respondeu que sim. Então o *naib tehsildar* disse que o coletor⁹ lhe havia dito para instruir o cozinheiro a ferver a água de beber de Agastya, uma vez que grassavam em Madna uma icterícia endêmica e uma epidemia de cólera, e que ele já havia feito isso, então agora dá licença de eu me retirar, senhor?

Dez horas. Agastya estava na varanda do lado de fora do quarto. Em torno da lâmpada fluorescente revolteava uma centena de insetos dos mais diversos. A todo momento o baque de lagartixas imprudentes caindo no chão. Seu quarto era um dos dois existentes numa espécie de chalé. O outro estava silencioso, trancado. Outros chalés semelhantes e, a uns 200 metros de distância, o grande Alojamento Temporário. Algumas luzes no complexo, dois jipes perto do Alojamento Temporário. Estava

8 Prato de lentilhas. [N. A.]

9 Na Índia, o cargo de coletor não se restringe à arrecadação de impostos, como no Ocidente, mas designa o chefe da administração de um distrito ou subdivisão territorial. É uma espécie de governador de uma cidade e seu entorno. [N. T.]

a 1.400 quilômetros de Delhi e a mais de mil de Calcutá, as duas grandes cidades de seu passado.

Antes de ir para a cama ele acendeu uma vareta de incenso contra mosquitos embaixo da mesa e espalhou por todo o corpo um creme repelente. Dormiu sob um tule, mas os mosquitos o pegaram mesmo assim. Ele emergiu agitado do sono três vezes naquela noite, apenas para ouvir o zumbido dos mosquitos no clarão da varanda.

Em sua primeira manhã em Madna, acordou se sentindo péssimo (“me sentindo fodido”, escreveu mais tarde a Neera em Calcutá, “como o Adão caído”). Teve dificuldade até para abrir os olhos, e percebeu então que os mosquitos tinham atingido também suas pálpebras. Belo começo de dia, disse consigo mesmo contemplando o teto de madeira, quando sua primeira emoção da manhã foi a náusea. Encarou o espelho. Dois calombos vermelhos e inchados na bochecha direita, acima da barba, um sob a orelha esquerda. Os mosquitos de Calcutá pareciam mais civilizados, nunca picavam o rosto. Um a zero para este lugar, pensou, a elefantíase não era incurável?

Saiu para pedir um pouco de chá a Vasant. Para além da varanda, o esplendor da manhã clareava os outros edifícios. O sol parecia torrar sua cabeça e seu pescoço. Oito e quinze da manhã e dava quase para sentir o calor abrasante castigando sua pele.

E no entanto era fim do verão. No ano anterior Madna tinha vencido a parada, por assim dizer, como o lugar mais quente da Índia. Existiam alguns rivais tradicionais no Decão indiano, mas a cada ano os moradores de Madna tinham quase sempre a certeza de que sua cidade e distrito seria mais quente que eles. Por recato (e, a bem da verdade, para evitar a insolação), os moradores cobriam a cabeça e as orelhas com uma toalha ou um guardanapo amarrado sob o queixo e só tiravam depois que o sol se punha. Mais tarde ele amarrou um pano na cabeça também, deleitando-se consigo mesmo, e até se deixando fotografar com aquele capuz. E mais tarde ainda refletiria que aqueles que viam o verão indiano como uma ameaça e qualificavam o sol de colérico, impiedoso e enervante, entre outras coisas, estavam meramente reduzindo o sol a um mesquinho gigante antropomórfico. Claro que o calor enfraquecia de fato

as pernas e desidratava a cabeça, mas o sol, como tantas outras coisas em Madna, era instrutivo. Ensinou-lhe os aforismos do bom senso: não lute contra os processos da natureza, ele parecia dizer; aqui, fique sob um teto sempre que puder, se possível torne-se um ser noturno. Não vale a pena sair para o mundo ao ar livre, e qualquer beleza lá fora só é visível no escuro, ou à meia-luz do amanhecer.

Se Madna fosse Delhi, e o clima menos tórrido, e se Agastya tivesse acordado mais cedo, teria saído para sua corrida. Tinha sido um respeitável corredor de longa distância nos tempos de faculdade. Correr parecia limpar sua mente e fazer com que o dia começasse bem. Mas voltou para o quarto e ficou se perguntando se devia ou não fumar um baseado. Afinal, o jipe não viria buscá-lo antes das onze horas. Enquanto refletia enrolou um e fumou, por via das dúvidas. Então pôs a fita do *Shyama*, de Tagore, para tocar no gravador e deitou para contemplar o quarto.

Precisava se organizar, desfazer direito as malas e pensar um pouco, talvez fumar menos, porque havia algo de perigoso em fumar sozinho num lugar desconhecido. Pelo menos o quarto era grande, gostava disso.

Bem no alto da parede à sua frente, em meio às lagartixas, estava pendurado o que ele mais tarde chamaria de o costumeiro quadro improvável de uma Casa de Pousos: um poente, um espelho de água – portanto dois poentes –, um bote, um barqueiro com um chapéu cônico japonês e, à margem, duas árvores que mais pareciam cogumelos gigantes. À medida que ficava chapado e ia relaxando, aumentava, de um modo objetivo, seu espanto com a ausência de imaginação da pintura. Tentou visualizar o pintor e não conseguiu. Pensou: Será que o pintor estava escovando os dentes, ou se dobrando para a frente na tentativa de enfiar o próprio pau na boca, ou sei lá o quê, quando pintou essa coisa? Não havia um único pensamento por trás de pincelada alguma. Irritado, se levantou da cama, trepou numa cadeira e tirou o quadro da parede.

Na parte de trás do quadro, por baixo das teias de aranha e da poeira de anos, ele leu, numa tinta que tinha ficado marrom: “Doado ao Alojamento Temporário de Madna, minha não desejada segunda casa, por mim, R. Tamse, engenheiro-adjunto,

Divisão de Obras Públicas, 4 de julho de 1962”. Abaixo vinha um poema espantoso, também em tinta marrom.

Longe de minha esposa e da antiga existência,
Tantos dias nesta temporária residência,
Longe de Goa, meu amado lar,
A trabalho tenho de perambular.

Agora o quadro ganhava um aspecto diferente, e um pouco menos ridículo; ali estava a Goa de uma imaginação desconso-lada, talvez não habituada à criatividade, mas impelida a ela pelo isolamento. De repente Agastya julgava enxergar melhor aquele Tamse. Seria um homem baixo, gorducho, mas nem um pouco preocupado com seu peso, e por isso levemente satisfeito consigo mesmo, e não totalmente à vontade na companhia de gente como Agastya. Num quarto e num lugar como aquele, certamente sem pendor para a maconha, nem para a masturbação inventiva, nem para a busca por sexo, o que será que ele fazia? Talvez muitos o tivessem convencido de que pintava e escrevia bem; seu pai quem sabe havia dito, na linguagem dos pais orgulhosos: “Você deve sempre contar com essas coisas como uma segunda corda em seu arco”. Tamse se sentira solitário, mas não se rendera, criara em seu abandono uma imagem da terra natal. Talvez aquelas árvores-cogumelos e poentes fossem uma vista da sua janela, talvez em Goa os barqueiros de fato usassem chapéus cônicos japoneses.

Virou e revirou o quadro muitas vezes, relacionando as pinceladas com o poema escrito atrás. Gostava de “de minha esposa e da antiga existência”; pelo menos Tamse admitia sentir falta da mulher, outros teriam vergonha disso. Era sentimental também, caso contrário não teria doado o quadro. Apesar da nulidade de talento, ainda assim era uma tentativa de compartilhar um estado de espírito e uma experiência. Sorriu para as paredes azuis e pensou: bem que elas podiam me inspirar também.

Uma rápida e tímida batida na porta, como o roçar de algum roedor. Um homenzinho negro vestido com o *khadi*¹⁰ branco

10 Traje de tecido caseiro. [N. A.]

de serviçal. Era Digambar, o serviçal designado para acompanhar Agastya em sua estada. “Olhe”, disse Agastya, “limpe este quadro e o recoloque na parede”.

Às onze, ainda chapado, foi à Coletoria para encontrar R. N. Srivastav, do IAS, coletor e magistrado distrital de Madna, seu mentor e chefe durante os meses de treinamento.

3

A administração distrital na Índia é em grande parte uma criação britânica, como as ferrovias e a língua inglesa, uma herança complexa e desajeitada do domínio colonial. Mas a indianização (de um método de administração, ou de uma língua) é intrínseca à história da Índia. Antes de 1947 o coletor-geral era quase inacessível ao povo; agora ele mantém casa aberta, primordialmente porque desempenha uma tarefa diferente e mais difícil. Ele é humano e falível como antes, a diferença é que agora outros podem lhe dizer isso, embora ele ainda exiba as insígnias (agora indianizadas) de importância – a luz laranja piscando sobre a capota do carro, os convites para a primeira fila no recital de cítara, que não começa antes de ele chegar, e ao qual ele não chega antes de se certificar por telefone que todos os outros convidados já estão lá. Em Madna, como em toda a Índia, a importância de alguém como autoridade pública podia ser medida pelo tempo que se podia atrasar um concerto (para o qual esse alguém foi convidado). Os organizadores não se incomodavam com essa atitude das autoridades convidadas. Talvez até esperassem isso delas, o que era lamentável, ou talvez estivessem se dobrando a elas, o que de alguma forma era ainda pior.

A administração é um assunto complicado, e um jovem funcionário que careça de iniciativa não pode ser instruído de verdade em suas artimanhas. É muito pouco o que se pode aprender observando outra pessoa; Agastya não aprendia nada. Por um período muito breve ele se preocupou com sua ignorância, depois decidiu só se preocupar devidamente quando outros a descobrissem.

A Coletoria de Madna era um edifício entre muitos outros num terreno vasto (que não poderia ser chamado de complexo, pois não dispunha de muros nem de portão de entrada) perto da estação ferroviária. Ele não notara nada disso na escuridão da noite anterior. Em meio a transeuntes e gado, o jipe avançava lentamente por uma rua de cascalho. Ele viu bandeiras tremularem contra o céu azul e quente. A bandeira nacional, ele supunha, estaria desfraldada na Coletoria. “O que são esses outros prédios?”

“Aquele é o gabinete do superintendente de polícia, senhor”, disse o *naib tehsildar* no banco traseiro, “e ali adiante ficam as Linhas de Polícia”. Seja isso o que for, pensou Agastya. “Aquele é o Tribunal Distrital de Sessões e aquele prédio grande atrás dele é o Conselho Distrital...”

“Você quer dizer aquele onde tem também a bandeira nacional?”

“Sim, senhor. E ao lado e atrás estão os gabinetes do oficial subdivisional, do *tehsildar* etc.” Enquanto o *naib tehsildar* indicava os lugares, o motorista quase atropelou uma criança que defecava à beira da rua, e rosnou para ela no idioma nativo.

À esquerda deles havia uma espécie de lagoa, com uma água esverdeada espessa e cabeças de búfalos satisfeitos. Um grande número de pessoas, sentadas, acocoradas, fumando, perambulando, contemplando tudo o que se movia ou outras pessoas. A maioria vestia *dhoti*¹¹ branco, *kurta*¹² e quepe Gandhi (ou seria quepe Nehru?, perguntou-se Agastya. Não, era quepe Gandhi e paletó Nehru. Ou paletó Gandhi e quepe Nehru? E colete Patel? E *lungi*¹³ Mountbatten e xale Rajaji e *dhoti* Tagore?), alguns tinham toalhas sobre a cabeça. O jipe avançava por entre eles com seu escapamento ruidoso, buzinando de modo petulante. As pessoas sentadas no meio da rua se levantavam e saíam da frente no último momento, a contragosto, algumas fazendo

11 Roupa tradicional masculina de peça única de algodão, que cobre desde a cintura até o tornozelo. [N. A.]

12 Vestimenta tradicional indiana para a parte superior do corpo, uma espécie de camisa comprida e solta. [N. A.]

13 Vestimenta tradicional indiana de peça única, enrolada na cintura. [N. A.]

cara feia. Para elas a rua era a única faixa de terreno que as chuvas de Madna não convertiam imediatamente em lama; por isso era lugar de reunião.

“Eles cobrem a cabeça por causa do calor, né?”

“Sim, senhor.”

Parecia-lhe sensato preocupar-se não com a aparência, mas antes de tudo com a saúde. Agastya experimentou pôr o lenço sobre a cabeça, mas era pequeno demais. O *naib tehsildar* riu baixinho, solidário. “Muito pequeno, senhor. Há guardanapos facilmente encontráveis no mercado, senhor. Se quiser, lhe consigo um.”

“Sim, agradeço se puder fazer isso. Quanto vai custar?”

“Não se preocupe com o preço, senhor.”

“Que bobagem”, disse Agastya, estendendo-lhe uma nota de 20 rupias.

O *naib tehsildar* ergueu as mãos para rechaçar o horror. “Não, senhor, não se incomode, quase não precisa.” Agastya se distraiu momentaneamente com o “quase não precisa”. O que o homem queria dizer? Estendeu a mão e, ignorando as risadinhas e grunhidos do *naib tehsildar*, enfiou a nota no bolso da sua camisa, entre o estojo de óculos, papéis e canetas.

Em todos os meses que passou ali, nunca se acostumou às multidões do lado de fora das repartições públicas.

“*Toda* essa gente tem o que fazer aqui?”

“Sim, senhor”, disse o *naib tehsildar*, com uma ponta de surpresa, talvez pela estupidez da pergunta. Todos pareciam muito pacientes, como se esperassem para entrar no comício político de algum demagogo pavoroso, Nehru talvez, ou um de seus descendentes. Eles também lhe pareciam chapados. Seus olhos estavam enevoados, provavelmente por causa da espera, e seguiam sem curiosidade cada movimento ao redor.

Bem perto da Coletoria ele viu cânabis crescendo como mato. Aquilo era ótimo e, de alguma maneira, simbólico, pensou sorrindo. Precisaria voltar ali sozinho uma noite.

A Coletoria era um edifício térreo de pedra. Seus corredores tinham bancos e mais gente. O *naib tehsildar* o conduziu a um salão enorme cheio de escrivainhas, quase todas desocupadas, e em seguida entraram em outra sala. Um homem gordo

com cara de poucos amigos disse: “Pois não?”. O *naib tehsildar* murmurou alguma coisa e o homem com cara de poucos amigos tornou-se imediatamente servil. “Bom dia, senhor. O *saab*¹⁴ coletor ainda não chegou, senhor. Eu sou Chidambaram, assistente do coletor. Queira por obséquio me acompanhar à sala do RDC¹⁵, senhor.”

Saíram por outra porta e adentraram um corredor central, também apinhado de gente, bancos e refrigeradores de água. Outra porta, sob um letreiro que dizia “C. K. Joshi, RDC”. Havia três homens na sala; Chidambaram murmurou alguma coisa. Todos se levantaram e o cumprimentaram com um aperto de mão; os dois mais jovens o chamaram de senhor. Todos se apresentaram, Agastya não reteve um único nome e não se importou com isso. Louvada seja a maconha, pensou.

Conversa formal agradável, alguém trouxe chá doce, que os outros beberam nos pires. Depois de algumas conjecturas a esmo, ele concluiu que o homem à sua direita era Ahmed. Joshi era, ou devia ser, o velho jovial atrás da escrivaninha. À direita dele estava o que soou como Agarwal. Ahmed se revelou imediatamente detestável, com olhos inexpressivos e um sorriso falso. Nunca ouvia o que os outros estavam falando, mas sempre baixava os olhos para seus grossos antebraços e os flexionava. Tanto Ahmed como Agarwal eram “coletores-adjuntos (nomeados por concurso), senhor”. Seja lá o que isso significa, pensou Agastya, mas balançou a cabeça com o que julgou ser o espanto apropriado.

Acabou descobrindo, mas por acidente, por assim dizer, o que era um coletor-adjunto (nomeado por concurso), e onde se situava na hierarquia um *naib tehsildar*. Ele próprio não fazia esforço algum para conhecer seu novo mundo; à medida que se desdobrava à sua frente, esse mundo lhe parecia cada vez menos interessante; e, com o passar do tempo, constatar até onde poderia se estender sua ignorância tornou-se um desafio obscuro e perverso.

14 Literalmente “senhor”, também tem conotações do tempo do Raj britânico. [N. A.]

15 “Resident deputy collector”, ou vice-coletor residente. [N. T.]

Sentado ali com os três homens, foi assaltado de novo por uma sensação de irreabilidade. Não pareço um burocrata, o que estou fazendo aqui? Eu devia ser fotógrafo, ou diretor de comerciais, alguma coisa assim, rasa e urbana.

“Qual a sua idade, senhor?”

“Vinte e oito.” Agastya tinha 24, mas estava com vontade de mentir. Também não gostava da cara deles.

“É casado, senhor?” De novo aquela demanda por uma definição de si mesmo. Ahmed se inclinava para a frente a cada pergunta, o pescoço tenso e a cabeça em posição de cortesia.

“Sou.” Por um segundo se perguntou se deveria acrescentar “duas vezes”.

“E a sua... senhora, senhor?” A voz de Agarwal ficou baixinha na palavra “senhora”; em todos aqueles meses as referências a esposas seriam sempre em tom sussurrado, quase envergonhado. Agastya nunca soube por quê, talvez porque ter uma esposa significava que a pessoa trepava, o que era uma coisa suja.

“Está na Inglaterra. Ela é inglesa, aliás, mas foi pra lá para uma cirurgia. Ela tem câncer de mama.” Sentiu um impulso quase incontrolável de estender os dedos para mostrar o tamanho do tumor e o tamanho do seio, mas decidiu guardar isso para depois. Mais tarde durante o treinamento ele disse ao inspetor distrital de registros de terras que sua esposa era uma norueguesa muçulmana.

Seguiu nessa toada, sem se preocupar com detalhes. Seus pais estavam na Antártida, eram membros da primeira expedição indiana. Sim, até sua mãe, que era ph.D. em oceanografia pela Sorbonne. Depois de um tempo as perguntas pessoais pararam. Mais tarde ele se sentiu culpado, mas só por um período muito breve.

Chidambaram enfiou a cara pela fresta da porta e disse que o coletor havia chegado. Joshi acompanhou Agastya. Srivastav era baixo e gordo, e estava gritando com alguém à sua frente quando eles entraram. Indicou-lhes que se sentassem e continuou a gritar. Se alguém consegue destratar desse jeito um subordinado falando tudo certinho é porque é mesmo fluente na língua, pensou Agastya. Do outro lado da escrivaninha havia em pé um trêmulo peticionário negro, derramando lágrimas como

se tivesse acabado de ser espancado. O outro velho tratado aos gritos vinha a ser o chefe distrital do abastecimento. Mais tarde Agastya concluiria que pareciam iguais, aqueles ocupantes da Coletoria, envelhecidos, todos com um rosto flácido que não tinha visto muito a luz do sol. Todos vestiam camisa de cores pálidas e calça folgada. Os bolsos de suas camisas estavam sempre desmesuradamente abarrotados de canetas e estojos de óculos. A maioria tinha cheiro bom, de algum perfume bem indiano, ou óleo capilar aromatizado, ou *paan*. Eram capazes de aguentar, feito plácidos búfalos, qualquer coisa que um superior despejasse aos berros para cima deles. O rosto do chefe distrital do abastecimento brilhava suavemente sob a saraivada do coletor.

Pasmaceira preguiçosa, lembrou-se de súbito Agastya, onde tinha ouvido aquilo? De repente estava de volta à aula de inglês na faculdade, três anos antes, com *Absalom and Achitophel*¹⁶ aberto à sua frente, ele chapado e contemplando os movimentos da nova professora. O nervosismo a tornava agressiva. Narasimhan, ao lado dele, também chapado, tinha feito alguma pergunta estúpida. “Sua pergunta não faz o menor sentido”, dissera ela, arqueando as costas para trás. Os bobos alegres de sempre tinham dado risadinhas. Narasimhan rabiscara laboriosamente um longo bilhete em seu Dryden e o passara para mim. “August, fala pra ela: Sim, minha putinha amada, quando minhas mãos estiverem agarrando sua bunda lisa, minha boca passando de um peito a outro, vou te fazer vibrar de tesão entre o teu Absalão e Aquitofel.” Sua risada despertara até o pessoal do fundão. Acabou expulso da sala de aula. O chefe do abastecimento enxugou a testa com um lenço multicolorido. Sim, pasmaceira preguiçosa, isso mesmo. O fato de poder relacionar a frase de um poeta inglês do século XVII àquilo que tinha à sua frente, um suarento chefe do abastecimento no gabinete de um coletor em Madna, obrigou-o a sorrir.

O coletor fez uma pausa para respirar, depois disse: “Olá, você vai se acostumar com isso. O trabalho de administrador não é brincadeira”, e voltou à ocupação de arrancar a dentadas a cabeça

16 Poema satírico de John Dryden (1631-1700) tido como grande clássico da literatura inglesa. [N. T.]

suarenta do chefe do abastecimento. A descompostura parou depois de um tempo e o chefe do abastecimento saiu da sala. Na porta usou de novo seu lenço multicolorido. O homem que choringava também saiu, depois de muitos *namastês* e duas mesuras desajeitadas, com a testa tocando a mesa do coletor.

Srivastav sorriu para Agastya. Suas costeletas eram triângulos retângulos cuja hipotenusa seria a sombra das maçãs de seu rosto. “E então, Agastya? Agastya: que espécie de nome é esse, *bhai*¹⁷?”

Quando estava no colo da sua mãe, seu ignaro, pensou Agastya, ela não fazia sua mente mergulhar no sono com os versos de algum venerável épico hindu? “Agastya” é o termo sânscrito, teve vontade de dizer, para designar alguém que caga só um cocô a cada manhã. Mas o coletor na verdade não queria resposta nenhuma. Conversava em *staccato*, enquanto manuseava apressadamente as pastas sobre sua mesa. “Tinha alguém esperando você ontem na estação?”

“Sim, senhor.”

“Que tal o seu quarto na Casa de Pouso?”

“Cheio de mosquitos, senhor.”

O coletor jogava no chão todas as pastas terminadas. Dependendo do peso, elas aterrissavam com um baque surdo ou com estalidos agudos. Desse modo ele desbastava as montanhas de cima da mesa, e as pastas jaziam como cadáveres num campo de batalha, talvez lhe dando a ilusão de vitória.

“Ah, os mosquitos, sim, dá para ver no seu rosto.” Um rápido olhar de soslaio para ele. “Vou lhe contar, Madna deve ser um dos lugares mais insalubres da Índia. Calor, umidade, doenças, tudo de ruim. Você está fervendo sua água? Mande o *naib tehsildar* lhe dizer.”

“Obrigado por isso, senhor. Mas não sei ao certo se o cozinheiro da Casa de Pouso entendeu ontem o que significa *ferver*.”

“Você vai encarar mesmo o problema da língua em Madna. Eles não conseguem sequer falar híndi direito.” Tocou a campainha. “Traga chá para nós.” De repente se recostou na cadeira e fechou a cara. “Veja, no norte da Índia, em Bengala e em outros

17 “Irmão”, sem denotar necessariamente uma relação de parentesco. [N. A.]